

A PERDA DA TRANSCENDENCIA E A DEPRESSÃO: DA MORTE DO DEUS JUDAICO CRISTÃO À SUA RESSURREIÇÃO NO DISCURSO ACADÊMICO ENQUANTO SENTIDO DE VIDA

Flávio da Silva Chaves¹
Isaac Vieira de Araujo²
Erick Ramos de Castro³

Resumo: O presente artigo tem como objetivo propor a ressurreição do discurso do monoteísmo do Deus judaico-cristão nos círculos acadêmicos como possibilidade de sentido de vida. A Metodologia utilizada foi a revisão de literatura. Busca-se, no primeiro momento, apresentar a depressão enquanto mal do século, demonstrando que uma visão eminentemente materialista patologiza a sociedade. Evidencia-se, mediante a pesquisa, que tanto o discurso teísta quanto ateuista é ideológico e não científico e que a transcendência poderá atenuar os problemas de depressão. Propõe-se que haja um reposicionamento do discurso acadêmico quanto à questão do monoteísmo judaico-cristão em prol da sociedade, uma vez que Deus e o homem fazem parte da história.

Palavras-Chaves: Deus judaico-cristão; Depressão; Transcendência; Discurso acadêmico.

Abstract: This article aims to propose the resurrection of the discourse of the monotheism of the Judeo-Christian God in academic circles as a possibility of life. The Methodology used was the literature review. In the first moment, it is sought to present depression as an evil of the century, demonstrating that a materialist view pathologizes society. It is evidenced through research that both theistic and the atheistic discourse are ideological and not scientific, and that transcendence may mitigate the problems of depression. It is proposed that there be a repositioning of academic discourse on the issue of Judeo-Christian monotheism in favor of society, since God and man are part of history.

Key Words: Judeo-Christian God; Depression; Transcendence; Academic speech.

INTRODUÇÃO

O Século XXI é um mundo de contradições. Controlam-se grandes tecnologias, mas o homem se perdeu de si mesmo. O mesmo ser humano que foi capaz de pisar na lua, construir bombas atômicas, inventar o automóvel cada vez mais moderno e sofisticado, é o mesmo que tem cometido as maiores atrocidades contra o próprio corpo e contra o seu semelhante.

A qualidade de vida, diante de tanta facilidade, tanta tecnologia, deveria ser a mais extraordinária de todos os séculos. No entanto, arrisco-me a afirmar que, talvez, sejamos a geração mais doentia de todos os tempos. Não conhecemos outras gerações, mas, vivendo aqui, partilhando

¹ Mestre em Ciências das Religiões – FUV; Especialista em Psicoterapia Existencial e Gestalt Terapia – ISECENSA; Graduado em Psicologia – UNESA; Graduado em Teologia – FUV. Professor de Psicologia do Desenvolvimento; Introdução ao Antigo Testamento e Teologia Bíblica do Antigo Testamento – FABERJ. Psicólogo Clínico e Pastor da Segunda Igreja Batista do Parque Aldeia, Campos dos Goytacazes, RJ. E-mail: flavio.chaves.silva@hotmail.com

² Possui graduação em Teologia pela Faculdade Unida de Vitória (2011) e especialização em Pós Graduação Lato Sensu em Gestão Ministerial pela BATISTA KIDS / COLEGIO BATISTA FLUMINENSE / FABERJ(2013). Atualmente é Professor da BATISTA KIDS / COLEGIO BATISTA FLUMINENSE / FABERJ. E-mail: isaac.va@hotmail.com

³ Possui graduação em Direito pela Universidade Salgado de Oliveira (2004), graduação em Licenciatura Plena em História pelo Instituto Superior de Educação Elvira Dayrell (2015) e especialização em Ciência da Religião (área de educação) pela Faculdade Cristo Rei. Atualmente é professor I de Ensino Religioso e História da Prefeitura Municipal de Campos dos Goytacazes e professor do ensino superior do curso de Bacharel em Teologia da Faculdade Batista do Estado do Rio de Janeiro - FABERJ, bem como tutor do Curso Livre de Teologia também da FABERJ no formato EaD.

dos problemas como qualquer mortal, ouvindo as dores e o desespero do humano, devemos refletir sobre o mundo que estamos habitando.

Um mundo de patologias. É TOC (Transtorno Obsessivo Compulsivo); TOD (Transtorno Opositor Desafiador); TDAH (Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade); TP (Transtorno de Personalidade), além de outros transtornos e a Depressão. Sim, a depressão. Uma doença silenciosa que provoca a apatia para com a vida, a perda de sentido e, em alguns casos, o suicídio.

Nesse contexto devemos indagar: O que é a depressão e quais as suas causas? Existe alguma relação entre a perda da transcendência e uma sociedade depressiva? Se há, é possível fazer uma crítica ao niilismo e a sua filosofia da morte de Deus, resgatando assim o conceito de transcendência como fator de intervenção para a depressão?

Supõe-se que a causa da depressão não é apenas biológica, mas também psicossocial. Sendo assim, acredita-se que, uma sociedade sem valores e sem crenças, afunda-se no vazio existencial, perdendo o sentido da vida. Por isso, a crítica ao niilismo contemporâneo, contribuindo para um mundo sem Deus e sem crenças.

Usando como Metodologia a Revisão de Literatura, pretende-se no primeiro momento conceituar depressão e suas possíveis causas. Em seguida pensar a sociedade contemporânea que, influenciada pela Filosofia Existencialista nieschetiana, poderá mergulhar num mundo sombrio da depressão, perdendo as suas crenças e valores. E, por último, fazer uma crítica ao niilismo, na tentativa de resgatar os valores transcendentais para uma sociedade que emerge no caos. Nesse labirinto da depressão, passemos a estudá-la, na tentativa de trazer esperança, para um mundo em desespero.

A DEPRESSÃO E SUAS CAUSAS

Segundo Silva⁴ há uma diferença entre tristeza e depressão. É previsível que, diante de uma perda significativa, tenhamos uma tristeza acompanhada de alguns sintomas parecidos com a depressão “como insônia, dificuldade de nos concentrar nas ações cotidianas, inapetência, sentimentos de culpa pelo que deixamos de fazer pela pessoa, perda de apetite, falta de vontade de participar de atividades sociais, etc”.⁵ É o que ocorre com o luto normal. Seja diante de uma perda por morte de um ente querido, seja por perdas de saúde, emprego, ou bens materiais. Essa tristeza é temporária e não se perde a capacidade de tocar a própria vida. O foco dessa tristeza é o sentimento diante da perda. A depressão clínica é diferente. Além de esses sentimentos perdurarem por mais tempo, o indivíduo perde a capacidade de gerenciar a própria vida.

⁴ SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Mentes depressivas: as três dimensões da doença do século**. 1. ed. São Paulo: Pricipium, 2016.

⁵ SILVA, 2016, p. 15.

Um aspecto simples de avaliar na distinção entre a tristeza normal e a depressão clínica de fato é a autoestima da pessoa. Quando as pessoas estão vivenciando uma tristeza normal ou ‘fisiológica’, apresentam pensamentos negativos sobre a sua perda, mas não se veem incapazes de tocar a vida no presente nem no futuro [...]. De forma diversa, as pessoas com depressão de fato são dominadas completamente por pensamentos negativos que englobam sua autoimagem, todos os aspectos do presente e suas possibilidades para o futuro.⁶

Considerando que houve um aumento de 18% da depressão entre os anos 2005 e 2015, a Organização Mundial da Saúde⁷ lançou a campanha “Vamos Conversar”, com o objetivo de ajudar pessoas acometidas dessa enfermidade. Afirma-se que “a depressão é um transtorno mental comum, caracterizado por tristeza persistente e uma perda de interesse por atividades que as pessoas normalmente gostam, acompanhadas por uma incapacidade de realizar atividades diárias por 14 dias ou mais”⁸. Os principais sintomas são: “perda de energia; alterações no apetite; dormir mais ou menos do que se está acostumado; ansiedade; concentração reduzida; indecisão; inquietação; sentimentos de inutilidade, culpa ou desesperança; e pensamentos de autolesão ou suicídio”⁹.

A Jornalista Da France Presse (Folha de São Paulo, 2017), baseada em informações da Organização Mundial da Saúde, adverte-nos quanto à seriedade e relevância do assunto. Diz que, dentre as quase 800.000 pessoas que se suicidam por ano, equivalendo a um suicídio a cada quatro segundos, a relação com a depressão é clara¹⁰. Segundo Shekhar Saxena, diretor do departamento de saúde mental e abuso de substâncias, estudos apontam “que entre 70% e 80% das pessoas que acabam com a própria vida nos países ricos e cerca de metade das que se suicidam nos países pobres sofrem com transtornos mentais, principalmente depressão”¹¹.

É uma doença que não escolhe gênero, idade e classe social. E não é um problema apenas do Brasil. A partir de dados da OMS¹², a Repórter da Agência Brasil Paula Laboissière, comprova essas afirmações.

‘No pior dos casos, a depressão pode levar ao suicídio, segunda principal causa de morte entre jovens de 15 a 29 anos’, destacou a OMS [...]. O levantamento mostra que, além do Brasil e dos Estados Unidos, países como a Ucrânia, Austrália e Estônia também registram altos índices de depressão em sua população – 6,3%, 5,9% e 5,9%, respectivamente. Entre as nações com os menores índices do transtorno estão as Ilhas Salomão (2,9%) e a

⁶ SILVA, 2016, p. 17.

⁷ BRASIL. **Com a depressão no topo da lista de causas de problemas de saúde, OMS lança a campanha “Vamos conversar”**. Disponível em <http://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5385:com-depressao-no-topo-da-lista-de-causas-de-problemas-de-saude-oms-lanca-a-campanha-vamos-conversar&Itemid=839> Acesso em: 24 Ago. 2017.

⁸ BRASIL, 2017, s.p.

⁹ BRASIL, 2017, s.p.

¹⁰ PRESSE, Da France. **Depressão é a maior causa de incapacitação no mundo, diz OMS**. Folha de São Paulo, Quinta-Feira, 24 de Agosto, 2017. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2017/03/1871343-depressao-e-a-maior-causa-de-incapitacao-no-mundo-diz-oms.shtml>> Acesso em: 24 Ago. 2017.

¹¹ SAXENA, Apud PRESSE 2017, s.p.

¹² Sigla utilizada para Organização Mundial da Saúde.

Guatemala (3,7%). A prevalência na população mundial, segundo a OMS, é 4,4%.¹³

É importante ressaltar que apesar das controvérsias existentes sobre os critérios para o diagnóstico da depressão infantil, há consenso entre os cientistas sobre o impacto dos sintomas infantis. Laura Poll Gomes afirma que a depressão em crianças e adolescentes tem os seguintes sintomas: “déficit de atenção e hiperatividade, baixa autoestima, medos, distúrbios do sono, enurese, tristeza, dores abdominais, culpa, fadiga, desinteresse por atividades de modo geral, passividade, agressividade, ideação suicida e problemas de aprendizagem”¹⁴.

Para a Psiquiatra Márcia Britto de Macedo Soares a depressão é uma questão de saúde pública, pois a mesma está associada a prejuízos que retira do indivíduo o seu funcionamento global, provoca elevados custos socioeconômicos, produz queda da qualidade de vida, o desenvolvimento de doenças de alta mortalidade (diabetes, doenças cardiovasculares, câncer), piores índices de saúde geral e elevada risco de suicídio.¹⁵

As causas que levam a depressão podem ser biológicas, genéticas, psicológicas e ou ambientais¹⁶. As causas biológicas estão relacionadas a mudanças ocorridas no funcionamento do cérebro, aos neurotransmissores e aos hormônios. A partir dos neurônios e dos neurotransmissores, o cérebro comanda, de forma harmoniosa, “todos os nossos movimentos, pensamentos, emoções, comportamentos e de nossas funções vitais (circulação, respiração, digestão, etc)”¹⁷. Na interconexão dos neurônios, através de sinapses¹⁸, os neurotransmissores, denominados de noradrenalina, serotonina e dopamina, agem diretamente no funcionamento cerebral da depressão. Esses neurotransmissores, agindo de forma interconectada, são responsáveis pela reação ao estresse (noradrenalina), pelo sono (serotonina) e pelo prazer (dopamina). Nesse caso, a intervenção recomendada, são os antidepressivos, agindo diretamente, nos neurotransmissores.

Certas pessoas deprimidas apresentam melhoras significativas com dois tipos de antidepressivos que aumentam níveis da noradrenalina no cérebro. São eles: os tricíclicos e os inibidores da monoaminoxidase (IMAOs). Os dois elevam a noradrenalina – os primeiros impedindo sua receptação, e os IMAOs impedindo a decomposição do neurotransmissor –, e ambos atuam

¹³ LABOISSIÈRE, Paula. **No Dia Mundial da Saúde, OMS alerta sobre depressão**. EBC, Agência Brasil. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2017-04/no-dia-mundial-da-saude-oms-alerta-sobre-depressao>> Acesso em: 24 Ago. 2017, s.p.

¹⁴ GOMES, Laura Poll et al. **Inventário de depressão infantil (CDI): uma revisão de artigos científicos brasileiros**. Contextos Clínic, vol.6, no.2, São Leopoldo dez. 2013.

¹⁵ SOARES, Márcia Britto de Macedo. **O impacto da depressão**. ABRATA – Associação Brasileira de Familiares, Amigos e Portadores de Transtornos Afetivos. Disponível em: <<http://www.abrata.org.br/new/artigo/impactoDepressao.aspx>> Acesso em: 24 Ago. 2017.

¹⁶ SILVA, 2016, p. 64-87.

¹⁷ SILVA, 2016, p. 71.

¹⁸ Cf. SILVA, 2016, p. 71. Sinapse é um espaço existente entre o axônio (cabos), que terminam em milhares de estrutura denominadas de dendritos. A sinapse não permite o contato do axônio. A sua função é liberar os neurotransmissores, “que acionam quimicamente um estímulo elétrico conduzido dos dendritos até o espaço sináptico do próximo neurônio”.

nos espaços das sinapses. Outras pessoas podem apresentar quadro de euforia se usarem os mesmos antidepressivos.¹⁹

O fator genético também está relacionado à questão da depressão. Nesse caso, “a tendência à depressão é transmitida por meio de genes de nossos parentes próximos e até mesmo distante”²⁰. O outro fator é o psicológico e ou ambiental, correspondendo, segundo Silva, a 30% dos casos. Ainda assim, é a personalidade do indivíduo que determinará a sua resposta diante dos fatores estressantes da vida. Assim sendo, pelo menos três tipos de pessoas são mais susceptíveis a depressão: aquelas que se cobram demais; as pessimistas e as que necessitam controlar todas as coisas, buscando satisfazer as expectativas alheias. “Pessoas com um ou mais desses aspectos em sua personalidade costumam ser pouco flexíveis e muito estressadas. Por isso tendem a reagir mal perante as adversidades e frustrações inerentes ao ato de viver”²¹.

Vancini, Assis e Oliveira afirmam que, “Etiologicamente, a depressão é fruto de fatores genéticos, bioquímicos, psicológicos e sociofamiliares, sendo estudada sob diferentes abordagens”²². Os resultados de uma pesquisa com 1923 alunos entre 11 e 19 anos, das 7º e 8º séries do Ensino Fundamental e 1º e 2º ano do Ensino Médio, nas redes públicas e privadas de São Gonçalo, município do Rio de Janeiro, apontam problemas da depressão na adolescência relacionados à estrutura familiar, destacando-se: uma estrutura familiar menos preservada; relacionamento precário com pais e irmãos; fraco apoio emocional; problemas relacionados a finanças, saúde, divórcio, uso de álcool e drogas. Na mesma pesquisa, no bloco individual, a depressão está relacionada “a baixa autoestima, a incerteza ou ausência de atitude que reflete autodeterminação, a falta de confiança em si mesmo e a não-expressão da capacidade de resiliência. Também a insatisfação com a vida...”²³.

No que diz respeito à depressão ligada a fatores psicossociais é importante atentar para duas questões apontadas na pesquisa acima: a não expressão da capacidade de resiliência e a insatisfação com a vida. Acrescenta-se a estas “a falta de um sentido maior na vida”²⁴. Alinhando as questões, pode-se inferir que os valores adotados numa sociedade interferem diretamente no modo de ver a vida e, conseqüentemente, na sua resposta aos problemas cotidianos. Por isso é salutar o questionamento: em que sociedade estamos vivendo e de que forma ela nos tem afetado?

A Doutora em Psicologia Social, Jurema Barros Dantas (2011) afirma que vivemos na sociedade do espetáculo. “O espetáculo é uma forma de sociedade em que a vida real é pobre e fragmentária, e os indivíduos são obrigados a contemplar e a consumir passivamente as imagens de

¹⁹ SILVA, 2016, p. 75.

²⁰ SILVA, 2016, p. 83.

²¹ SILVA, 2016, p. 85.

²² AVANCINI, Joviana Q. ASSIS, Simone G. OLIVEIRA, Raquel V. C. **Sintomas depressivos na adolescência: estudo sobre fatores psicossociais em amostra de escolares de um município do Rio de Janeiro, Brasil.** Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 24(10):2334-2346, out, 2008, p. 2334.

²³ AVANCINI, ASSIS, OLIVEIRA, 2008, p. 2339.

²⁴ SILVA, 2016, p. 85.

tudo o que lhes falta na vida real”²⁵. Nessa sociedade, a existência é movida pelas aparências e pelo consumo.

Ao falarmos da alegoria do espetáculo, temos o consumo como seu ponto fundamental. A intensa propaganda e a celebração permanente e reiterada do consumo apresentam-se como via de afirmação e realização pessoal. Para além da simples satisfação das necessidades objetivas, esses processos produzem o que conhecemos como cultura do consumo [...]. O consumo e a atuação no cotidiano são os únicos horizontes oferecidos pelo sistema. Nesse contexto surge um individualismo no qual vivemos sem projetos, sem ideias, a não ser cultivar uma autoimagem e buscar a satisfação aqui e agora.²⁶

O pensamento de Dantas é retirar o caráter patológico da angústia e colocá-la como um clamor a singularidade. O nosso interesse, a partir de suas reflexões, é pontuar a não resiliência, a insatisfação e uma existência materialista como constituinte de uma sociedade patológica. Sobre isso Dantas comenta:

... o mundo de fato melhorou tecnologicamente, mas em vários aspectos tornou-se extremamente inóspito para as necessidades humanas. Somos intimados a participar de um mundo em movimento acelerado, imediatista, efêmero, que promove o narcisismo exacerbado e um modo de relação objetivo e específico entre os homens [...]. Todos esses pontos constituem uma configuração de mundo vulnerável e fugaz no que se refere aos modos de estar no mundo e nos tipos de relação que se estabelece com ele.²⁷

Silva faz uma relação entre a felicidade compulsória dos tempos modernos e o suicídio²⁸. Embora não seja o único fator, o suicídio tem uma estreita ligação com a ditadura da felicidade dessa nova cultura. O indivíduo, aprisionado pelos pensamentos de que se deve viver feliz o tempo todo, desconsidera o movimento existencial e os seus percalços. Sendo a felicidade uma condição do ser, diante dos infortúnios, nada mais resta do que retirar a própria vida. Essa é a lógica do suicida, mediada pelas influências socioculturais. “Se felicidade, em nossos tempos, é ‘condição do ser’, sem ela não há sentido em viver. Essa forma de pensar estabelece a ‘ditadura’ da felicidade a que a maioria de nós se mantém subjulgada”²⁹.

Diante desse contexto, é perceptível a raiz biológica, genética e psicológica e ou ambientais para a depressão. Os autores apontaram que o narcisismo e uma existência pautada num materialismo exacerbado patologiza a sociedade. Percebe-se a gravidade do assunto com os seus desdobramentos para a sociedade em geral.

No que diz respeito às influências socioculturais, de forma proposital, ficou em aberto a relação da depressão com a perda de sentido para a vida, conforme apontada por Silva. Mas qual é

²⁵ DANTAS, Jurema Barros. **Angústia e existência na contemporaneidade**. Rio de Janeiro: Editora Rubio, 2011, p. 34, 35.

²⁶ DANTAS, 2011, p. 38, 39.

²⁷ DANTAS, 2011, p. 42.

²⁸ SILVA, 2016, p. 251-255.

²⁹ SILVA, 2016, p. 252.

o sentido da vida? É possível uma sociedade sem Deus, pautada em questões apenas materialista? Existe alguma relação entre a perda da transcendência na sociedade contemporânea e a depressão? É o que se propõe discutir no próximo capítulo.

A PERDA DA TRANSCENDÊNCIA E A DEPRESSÃO

O propósito desse capítulo é abordar a relação da depressão com a ausência de sentido com a vida. Pensando dessa forma, busca-se apresentar esse sentido a partir da transcendência, desvinculando o pensamento de uma sociedade meramente racional e materialista. Tendo o ser humano um sentido último da existência (transcendência), conjectura-se que as crenças poderão minimizar os efeitos da depressão na sociedade contemporânea.

A primeira questão que vem à mente ao pensar nesse assunto é imaginar uma sociedade sem Deus. É possível? Existem várias maneiras de pensar a transcendência no contexto contemporâneo. A partir da Filosofia, Cláudia Raquel Macedo apresenta a questão da transcendência em Husserl e Heidegger, apontando para o caráter excludente da visão dualista da metafísica. “Em ‘Ser e Tempo’, Heidegger apresenta um projeto filosófico ousado e impactante dissociado do olhar dualista da metafísica...”³⁰. A ontologia fundamental heideggeriana situa o ser no tempo e na história. Não existe nada além da existência.

Em contraposição, o pensamento teológico transita no campo da transcendência numa perspectiva extra empírica. Neste sentido, “o Deus que se revela nas Escrituras é pessoal e infinito – imanente e transcendente”³¹. A oração do Pai Nosso registrada em Mateus 6.9 e Lucas 11.1 enfatizam o caráter transcendental da divindade:

Nessa oração que se tornou a oração modelo, o Senhor Jesus une dois conceitos que muitas vezes estão em conflito na mente daqueles que buscam crer e amar a Deus. Jesus afirma que aquele a quem oramos está “no céu”. Isso nos ensina que, em nossa devoção, estamos diante de um Deus infinito e transcendente. Trata-se de um ser que não só existe além do tempo – um ser infinito, sem início e fim –, mas que existe acima e além de toda a criação, transcendendo-a. As coisas criadas nem limitam nem contêm o Criador de todas as coisas, uma vez que são finitas. Deus é o totalmente outro (totaliter aliter), aquele que está acima de toda a criação.³²

Destarte, o mundo é dividido numa visão material ou numa perspectiva espiritual, conquanto admita-se que espiritual nem sempre é entendido numa perspectiva judaico-cristã. Esse modo de ver o mundo dividiu opiniões dos grandes intelectuais ao longo da história. O Psiquiatra Armand M.

³⁰ MACEDO, Cláudia Raquel. **O problema da transcendência em Husserl e Heidegger**. Revista Estudos Filosóficos nº 5 /2010, p. 3.

³¹ FERREIRA, Franklin. **Curso Vida Nova de Teologia Básica**: teologia sistemática. São Paulo: Vida Nova 2013. p. 67.

³² FERREIRA, 2013, p. 67, 68.

Nicholi analisa a obra de Sigmund Freud e C.S. Lewis, a partir desses dois pressupostos³³. Enquanto Freud adotou a Filosofia de vida ateísta, Lewis passou do ateísmo para a fé cristã.

Todos nós possuímos uma visão de mundo – não importa se estamos conscientes disso ou não. Alguns anos depois do nosso nascimento, todos começamos a gradualmente formular nossa filosofia de vida. A maioria de nós parte de um dos dois pressupostos básicos: vemos o universo como o resultado de eventos aleatórios e a vida neste planeta como um produto do acaso; ou pressupomos uma Inteligência além do universo que lhe confere ordem e sentido vital.³⁴

Segundo o mesmo autor, “a fé e a descrença refletem duas visões de mundo totalmente distintas; assim, elas oferecem respostas muito diferentes sobre como enfrentar a vida e a morte, o amor e a perda, ou até mesmo a sexualidade”³⁵. Ao refletir a visão de mundo espiritual, na perspectiva da conversão de C.S. Lewis, estabelece-se uma diferenciação entre religião enquanto neurose obsessiva para a religião como promotora de mudança. No caso de Lewis, a conversão à fé cristã, ou a Deus, não foi uma patologia estagnante, que é o caso da neurose, mas uma experiência que melhorou o funcionamento de Lewis com ele mesmo e com os outros³⁶.

Silva faz uma relação interessante entre a depressão e a espiritualidade³⁷. No seu entender cada ser humano possui três dimensões vitais: corpo (corpo propriamente dito), mente (ou psíquica) e espírito (ou virtual). Ao relacionar a depressão à ausência de sentido e propósito de vida, a espiritualidade, que na sua abordagem, faz uma analogia como uma espécie de luz poderosa, intensa e totalmente sincronizada, tem “o objetivo de promover a melhoria humana por meio da transcendência material, ou seja, a espiritualidade seria uma espécie de laser transformador de nossa vida”³⁸. Por esse prisma, há uma estreita ligação entre saúde e espiritualidade, conclamando a Comunidade Médica para um olhar mais atento para a dimensão espiritual dos seus pacientes.

Segundo o Doutor Roque Marcos Savioli, a partir de suas análises clínicas, é menor a incidência de depressão nos pacientes praticantes da fé cristã, após cirurgias cardíacas. Ainda aponta para “a ausência de religiosidade como um dos fatores capazes de predispor à ocorrência da depressão no pós-operatório de pacientes que realizam cirurgias cardíacas”³⁹.

Esses argumentos reiteram o posicionamento de que a vida é mais do que matéria e possuir uma visão espiritual, no caso dessa pesquisa, transcendental, crendo no Poder Último, poderá atenuar as crises, elevar a autoestima e contribuir para o bem estar pessoal e coletivo. O Psiquiatra Viktor E. Franklin traz, a partir de suas experiências no campo de concentração nazista, a

³³ NICHOLI, Armand M. **Deus em questão: C.S. Lewis e Sigmund Freud debatem Deus, amor, sexo e o sentido da vida.** Tradução de Gabriele Greggersen. Viçosa, MG: Ultimato, 2005, p. 10-18.

³⁴ NICHOLI, 2005, p. 15.

³⁵ NICHOLI, 2005, p. 109.

³⁶ NICHOLI, 2005, p. 87-106.

³⁷ SILVA, 2016, p. 221-238.

³⁸ SILVA, 2016, p. 227.

³⁹ SAVIOLI, apud SILVA 2016, p. 237.

importância e o valor do sentido último da existência, a fé em Deus, como elemento de sustentação dos soldados submetidos às crueldades do campo de batalha⁴⁰.

Concomitante a essa visão, o Doutorando em Teologia, Darlei de Paula apresenta a relação da espiritualidade com a saúde, reiterando o valor do ritual e da liturgia, pautados numa fé em Deus, e não na confessionalidade religiosa, enquanto elemento contribuinte para a promoção da saúde. A alegria, o estudo e a oração são apresentados como Sistema Preventivo para a saúde⁴¹. O objetivo primário desse Sistema é adotar medidas socioeducativas para a saúde integral do indivíduo⁴². Assim sendo,

A religiosidade cristã é responsável por muitos estilos de vida e comportamentos adotados em nossa sociedade. Nós iremos trabalhar com aqueles que, de alguma forma, contribuem para a promoção humana através de suas práticas. Deixando de lado as diferenças confessionais, trataremos de considerar quatro elementos saudáveis para serem observados nos costumes de pessoas que buscam cultivar sua espiritualidade. São eles: alimentação, limpeza, sexualidade e descanso.⁴³

Considerando que a sociedade contemporânea é geradora de estresse e que os fatores psicossociais influenciam na comorbidade da depressão, a Religião Cristã se apresenta como benéfica no controle dos geradores estressantes da sociedade contribuindo para a promoção da saúde integral do indivíduo. Neste sentido, “participar de um grupo religioso gera consequências salutaras para a vida do indivíduo. De maneira geral, podemos dizer que é um meio de apoio no âmbito social”⁴⁴.

Desse modo, “a coesão social, a ideia de pertença, a continuidade das relações, bem como, o desenvolvimento da participação na comunhão e o companheirismo”⁴⁵, prática dos grupos religiosos, elevam o sentimento “de pertença a este determinado segmento de religiosidade, o que fortalece a autovalorização do indivíduo no meio social, bem como sua autoestima, por ser reconhecido e aceito em determinado grupo”⁴⁶. Por esse viés o apoio social, a partir do vínculo com grupos religiosos, é salutar no enfrentamento da depressão em casos de luto.

Pelo exposto, é possível considerar duas questões: o valor das crenças transcendentais e das instituições religiosas cristãs no enfrentamento dos males que afetam a sociedade contemporânea, dentre estes, a depressão. Mas que relação existe entre as crenças transcendentais, os grupos religiosos e a prevenção da depressão? A relação está no sistema de crenças.

⁴⁰ FRANKL, Viktor E. **Em busca de um sentido**: um psicólogo no campo de concentração. Traduzido por Walter O. Schlupp e Carlos C. Aveline. 25. ed. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2008.

⁴¹ Segundo o Teólogo De Paula o Sistema Preventivo, embora sendo um conceito novo, veiculado pelos meios de comunicação, “pode ser encontrado historicamente registrado, no âmbito da educação, nas instituições educativas religiosas que se espalhavam pela Europa, em especial na Itália do século XIX” (p. 18).

⁴² DE PAULA, Darlei. **Espiritualidade**: uma questão de saúde? Protestantismo em Revista, São Leopoldo, RS, v. 27, jan.-abr. 2012.

⁴³ DE PAULA, 2012, p. 19.

⁴⁴ DE PAULA, 2012, p. 20.

⁴⁵ DE PAULA, 2012, p. 20.

⁴⁶ DE PAULA, 2012, p. 20.

Um sistema de crenças pode ser definido a partir do reconhecimento de rituais religiosos públicos ou privados. Percebemos que, de alguma forma, contribuem para a saúde mental do ser humano por levá-lo a tomar uma atitude que possa ser a simples decisão de parar para orar.⁴⁷

Crer faz bem à saúde mental. Diante dos problemas contemporâneos, o que inclui o alto índice de doenças psíquicas, não cabe mais um discurso discriminatório, sectário e materialista. É necessário e urgente sim rever os posicionamentos das instituições religiosas no cenário brasileiro, mas discriminá-las, jamais. A oração, os rituais, os grupos religiosos, as confissões e a liturgia produzem efeitos benéficos na psique humana. No caso da oração, “são partes do dia a dia das pessoas e são formas de interação terapêutica”⁴⁸. Daí a necessidade de (re) considerar alguns posicionamentos críticos quanto ao papel e a função das instituições religiosas na sociedade contemporânea, assunto que nos deteremos mais adiante.

O mesmo pode-se dizer quanto à importância de Deus na vida e na história humana. Será benéfico nutrir um pensamento ateu numa sociedade mergulhada na depressão? Em nome do discurso inter-religioso, do pensamento teológico-liberal, devem-se excluir os elementos fundantes da religião cristã? Para que as pessoas sejam felizes no Século XXI devemos “matar” Deus?

Viktor Frankl⁴⁹ nos responde com um retumbante não. Em sua análise, há um sentido último da existência. Foi a sua prática enquanto Psiquiatra no campo de concentração nazista que o levou a essa conclusão. Diante da realidade sub-humana dos soldados, à mercê de todo tipo de crueldade que o autor inaugurou a Logoterapia, uma psicoterapia centrada no sentido. E, por esse viés, não se descarta o sentido último da existência, denominado de suprasentido. Nesse ponto são considerados os elementos religiosos como fonte terapêutica, o que inclui a transcendência. “No entanto, quando o paciente está sobre o chão firme da fé religiosa, não se pode objetar ao uso do efeito terapêutico das suas convicções espirituais”⁵⁰.

Em outra obra, a partir do conceito de consciência transcendental, Franklin desloca a Psicologia do campo reducionista da Psicanálise. Segundo ele, essa Psicologia reduziu “os fenômenos humanos à facticidade psicofísica, descuidou-se da pessoa ‘propriamente dita’ em sua totalidade, que é o objeto da logoterapia”⁵¹. Nessa perspectiva inaugura-se uma Psicologia espiritual.

É importante ressaltar que nessa abordagem exclui-se qualquer comprometimento com a confissão religiosa. Todavia, não se descarta os efeitos profiláticos ou psicoterapêuticos da transcendência. “Entretanto, poderão resultar efeitos profiláticos ou psicoterapêuticos quando a

⁴⁷ DE PAULA, 2012, p. 21.

⁴⁸ DE PAULA, 2012, p. 21.

⁴⁹ Cf. FRANKLIN, 2008.

⁵⁰ FRANKLIN, 2008, p. 142.

⁵¹ FRANKL, Viktor E. **A presença ignorada de Deus**. Tradução Walter O. Schulupp e Helga H. Reinhold. 10. ed. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2007, p. 6.

pessoa experimenta alívio psicológico ao considerar sua transcendência, ao encontrar o sentido último da vida em Deus ou ao sentir-se ancorada no absoluto”⁵².

Nesta perspectiva, o Psicólogo e Teólogo Mauro M. AmatuZZi⁵³ relaciona a religião ao sentido da vida e a estrutura enquanto orientação e devoção. Apropriando-se do pensamento de Erick Fromm apresenta a raiz psicológica da religião que está ligada à insatisfação do ser humano, necessitando assim, de um encontro harmonioso com a própria existência.

O ser humano, por sua condição existencial, é um insatisfeito. ‘Mesmo que a fome, a sede e os desejos sexuais do homem estejam completamente satisfeitos, ele não está satisfeito [...]. É nesse desequilíbrio que se radica a necessidade do reencontro de uma harmonia, vivida como perdida, e expressada como tal nos mitos do paraíso ou das origens em várias culturas.’⁵⁴

Nessa perspectiva, são apresentados elementos que diferencia a natureza humana do animal. Dentre os elementos, estão as formas de responder à necessidade de sentido. O homem tem, por natureza, anseios de harmonia e sentido para a vida. Por isso, os mais variados sistemas filosóficos e religiosos apresentam respostas de sentido para o ser humano, incluindo, os sistemas religiosos monoteístas. É importante ressaltar que o sentido da vida não está, necessariamente, atrelado ao conceito de um Deus transcendente, mas que, tal conceito, faz parte da busca do sentido do homem ao longo da história. Não há como descartar tal realidade. Nos sistemas religiosos monoteístas, “nosso mundo não é caótico e absurdo, mas corresponde aos designios de um Deus que nos ama e protege, e em quem podemos confiar”⁵⁵. Sem desconsiderar outros sistemas religiosos, há uma conexão entre religião monoteísta e sentido de vida que deve ser apreciada no contexto contemporâneo.

Constata-se pelas observações aqui expostas que o pensamento sobre a não existência de Deus é mais ideológica do que científica. Se a crença em Deus tem como fundamento a fé, a crença na não existência também é uma questão de fé e não de razão. O problema é que o discurso da não transcendência, embora benéfico para alguns, poderá trazer mais malefícios do que benefícios, uma vez que a religião é parte inerente do ser humano. Exemplo disso é a depressão onde as crenças positivas, de cunho transcendental, podem atenuar os efeitos nocivos dela. Mas ainda surge uma questão: Com respeito ao academicismo, diante do que se vive no Século XXI, com tanta violência, doenças psíquicas e aumento das drogas, devemos permanecer com o discurso da morte de Deus? É o que se propõe pensar no próximo capítulo.

⁵² FRANKLN, 2007, p. 7.

⁵³ AMATUZZI, Mauro M. **Psicologia do desenvolvimento religioso**: a religiosidade nas fases da vida. São Paulo – SP: Ideias & Letras, 2015.

⁵⁴ AMATUZZI, 2015, p. 21.

⁵⁵ AMATUZZI, 2015, p. 23.

DA MORTE DO DEUS JUDAICO CRISTÃO À SUA RESSURREIÇÃO NO DISCURSO ACADÊMICO

Num primeiro momento desse ensaio constatou-se a decadência social pela qual estamos mergulhados. Em seguida, foi demonstrado que o discurso sobre a existência ou não existência de Deus é mais ideológico do que científico e que há uma relação da transcendência com a possibilidade de enfrentamento da depressão. Nesse contexto, surge uma questão: se não podemos provar a existência de Deus, podemos provar a sua não existência? É uma questão complexa! Assim sendo, pergunto: devemos manter um discurso acadêmico e, até mesmo, uma filosofia de vida ateísta diante do caos enfrentado pela sociedade moderna? É claro que essa pergunta não é individual e muito menos confessional. Nesse sentido cada um faz as suas escolhas. A reflexão gira em torno das questões sociais, uma vez que são os pensadores que formam opiniões e “determinam” as tendências comportamentais da sociedade. Basta pensarmos em Freud, Nietzsche, Karl Marx e tantos outros, e como eles influenciaram e influenciam o pensamento moderno. Por isso, nesse capítulo, pretende-se repensar o discurso acadêmico que faz uma crítica veemente ao Deus judaico cristão.

Em nome de um diálogo inter-religioso propõem-se o rompimento com crenças que, até então, vem sustentando o mundo Ocidental. Particularmente, não há problema com o diálogo inter-religioso. Agora, veja bem, diálogo, e não tendência ideológica na tentativa de romper com uma forma confessional e implantar outra. É o que se percebe nos discursos acadêmicos. A maior crítica se faz ao Deus monoteísta-cristão. Esse é o argumento do Teólogo Alexandre Marques Cabral⁵⁶ (2015, p. 11-28). Na sua obra é perceptível a tendência ao discurso inter-religioso que, por sinal, é bem fundamentado. Todavia, por trás dessa tendência, fica claro o seu objetivo de “decretar” a morte do Deus judaico cristão. Diz ele:

O objetivo deste livro é de caracterizar a possibilidade de ressignificação dos Deuses em meio à crise das bases metafísicas do monoteísmo. Em outras palavras, o objetivo é caracterizar a possibilidade da ressurreição dos Deuses no tempo da crise da metafísica e do monoteísmo que por ela é estruturado. Uma vez que foi o monoteísmo o responsável pelo mais intenso processo teofágico conhecido na história, a mono-significatividade da divindade por ele produzida possibilitou que ele seja caracterizado por meio de uma poderosa expressão nietzschiana: monótono-teísmo. A monotonia do monoteísmo não é outra senão aquela que se faz presente na anulação da significatividade de outros Deuses e na homogeneização dos modos de ser da vida humana. Para caracterizar a ressignificação dos Deuses, é necessário uma lida crítico-descontrutiva com o monótono-teísmo metafísico. Isto exige uma descrição da estratégia de anulação dos Deuses por meio do cristianismo e sua crise no acontecimento da morte de Deus.⁵⁷ (2015, p. 25).

⁵⁶ MARQUES CABRAL, Alexandre. **Morte e ressurreição dos Deuses**: ensaio de crítica ao monótono-teísmo metafísico cristão. 1. ed. Rio de Janeiro: Via Verita, 2015. pg. 11-28.

⁵⁷ MARQUES CABRAL, 2015, p. 25.

Percebe-se, nesse discurso, que o Deus judaico cristão foi o responsável pela morte dos Deuses no Ocidente, denominada pelo autor de monótono-teísmo, uma prevalência do monoteísmo sobre os outros Deuses. Seguindo essa linha de raciocínio descortinando a possibilidade do politeísmo e do ateísmo afirma: “Deus não existe; Deus não é; a divindade polissêmica acontece” (MARQUES CABRAL, 2015, p. 25). Tudo bem que o seu argumento é a favor da multiforme expressão da divindade ou, em suas palavras, da divindade polissêmica. Mas questiono: para tanto é preciso “matar” o Deus judaico cristão? É verdade que o monótono-teísmo foi o responsável pela morte dos Deuses no Ocidente ou foi a que trouxe maior sentido existencial? Não é esse o objetivo deste artigo, mas vale uma reflexão. Por ora, basta afirmar, que esse discurso está impregnado na mente e no coração dos formadores de opinião da sociedade contemporânea. Vamos “matar” o Deus judaico cristão. Vamos, enquanto formadores de opinião, ressuscitar os Deuses, mas rechaçar todo e qualquer discurso a favor do Deus monoteísta-cristão. É coerente tal atitude?

Coerente ou não parece ser essa a tendência filosófica de Luiz Felipe Pondé. Em sua obra não é a proposta da ressurreição dos Deuses que, pelo menos, na obra de Marques Cabral parece existir, mas um discurso eminentemente materialista. O Filósofo põe em xeque a credibilidade dos líderes espirituais, definindo-os como “picaretas do espírito”. No seu entender, esses líderes exploram as três grandes áreas de choque da vida (saúde e doença, dinheiro e trabalho, amor e família) para explorar as pessoas⁵⁸.

Em sua concepção, a Metafísica é uma construção filosófica que nasceu com Platão, tomando forma em Aristóteles e sendo apropriada pelos judeus, cristãos e muçumanos que viram nessa ideia a “cabeça de Deus” ou, a sua casa⁵⁹. Percebe-se que a tendência filosófica é o extermínio com a ideia da Metafísica e, conseqüentemente, com as suas crenças, colocando-a como um pânico diante do nada.

A filosofia moderna e contemporânea criticou muito a metafísica, chegando mesmo a destruí-la, de certa forma, dizendo que é uma espécie de viagem de platônicos de todos os tipos. Com o nascimento da ciência, a ideia de um mundo imaterial se tornou meio fora de moda, porque o pensamento moderno é muito preocupado com a eficácia e os resultados, e a metafísica não serve para nada, a não ser para nos ajudar a crer em alguma forma de um mundo melhor do que este em que vivemos, o que pode significar que a metafísica não passa de pânico diante do nada – como pensava um dos maiores antiplatônicos da história da filosofia, Nietzsche.⁶⁰

Reitera que a existência de Deus não é fruto de lógica, mas de aposta⁶¹ e irracionalidade. “Crer em Deus é mais fruto de causas extrarracionais como educação, traumas infantis, ambiente

⁵⁸ PONDÉ, Luis Felipe. **Filosofia para corajosos**. 1. ed. São Paulo: Planeta, 2016. pg. 73-78.

⁵⁹ PONDÉ, 2016, p. 76-82.

⁶⁰ PONDÉ, 2016, p. 81.

⁶¹ PONDÉ, 2016, p. 87-92.

cultural familiar, ter um ‘cérebro de crente’ do que pensar que crer em Deus é fruto de uma cadeia lógica de provas a seu favor. A mesma coisa vale para a descrença”⁶².

Nesta perspectiva, questiono: tais argumentos são científicos? São ideológicos. Científicos não. Tanto Marques Cabral quanto Pondé se utilizam, em grande escala, do referencial teórico de Nietzsche. De forma mais específica o Pondé deixa claro que os seus argumentos partem de uma visão materialista de Marx, Freud e Nietzsche⁶³. A própria sugestão do livro é um convite a pensar com a própria cabeça. Mas com a cabeça de quem? Se levarmos a sério essa expressão, seria deixar o pensamento livre. Deixar as pessoas crerem naquilo que fazem sentido para ela. Mas por que atacar a metafísica, o Deus judaico cristão, a eternidade? Como afirmado no capítulo dois, as questões de fé perpassam mais pela experiência de vida de quem escreve do que por argumentos científicos. Se os traumas infantis valem para corroborar o teísmo, os mesmos traumas servem para afirmar o ateísmo. Não há neutralidade científica.

Ponderando esses argumentos, propõe-se um repensar para o mundo acadêmico quanto ao discurso da “morte” do Deus judaico cristão. É claro que esse repensar não exclui a crítica ao abuso do discurso monoteísta cristão, muitas vezes eivado de uma visão exclusivista e mercadológica. Muito menos tornar autoridade última em questões de fé e religião. A questão aqui é social. Uma vez que a religião é produto cultural, como afirma Peter Berguer⁶⁴ (1985), e o monoteísmo-cristão faz parte da cultura no Ocidente, de que forma os acadêmicos em Filosofia, História, Medicina, Sociologia, Psicologia e outros, poderão unir os discursos em matéria de fé e religião para o bem comum? Diante do caos social, doenças psíquicas, devemos manter um discurso existencialista e materialista, excluindo a “consciência transcendental”⁶⁵? Sendo assim, pode-se refletir sobre os princípios transcendentais para uma vida humanizada, pressuposto teórico e ético das religiões. Deus e o homem fazem parte da história, quer queiramos ou não!

Fica evidente que há uma tendência ideológica no discurso ateu. Percebe-se que o maior problema do pensamento acadêmico não está na questão da existência e não existência de Deus, ambas as questões não podendo ser comprovada cientificamente, mas na questão das instituições religiosas. Todavia, mesmo diante dessas ambiguidades, é possível reiterar o discurso monoteísta cristão como coadjuvante na solução dos problemas sociais, a partir das virtudes como o amor, o perdão e a tolerância. Por isso a necessidade da ressurreição do Deus judaico-cristão nos círculos acadêmicos em prol de uma sociedade em decadência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

⁶² PONDÉ, 2016, p. 90.

⁶³ PONDÉ, 2016, p. 63, 73, 81.

⁶⁴ BERGER, Peter Ludwig. **O dossel sagrado**: elementos para uma sociologia da religião. São Paulo: Paulus, 1985.

⁶⁵ Cf. FRANKLIN, 2007.

Constata-se, nesse artigo, a decadência social pela qual estamos mergulhados. Uma sociedade patológica. Tomando por base a raiz biológica, genética, psicológica e ambiental da depressão, afirmou-se que o narcisismo e uma existência pautada num materialismo patologiza a sociedade. Nesse contexto, questionou-se a possibilidade de uma vida pautada apenas pela via materialista, desconsiderando os elementos transcendentais.

Considerando que há uma relação entre a depressão e a perda da transcendência, buscou-se afirmar que a crença na existência e ou na não existência de Deus é mais ideológica do que científica. Afirmou-se que o problema do discurso da não transcendência, embora benéfico para alguns, poderá trazer mais malefícios do que benefícios, uma vez que a religião é parte inerente do ser humano. Exemplo disso é a depressão, onde as crenças positivas, de cunho transcendental, podem atenuar os efeitos nocivos da mesma.

Admite-se a necessidade de um reposicionamento acadêmico no discurso sobre o monoteísmo-cristão, uma vez que não se pode provar ou negar a existência de Deus em termos científicos. Admite-se a possibilidade de pensar as virtudes cristãs, de base monoteísta, para a sociedade em geral. Por isso, a proposta da ressurreição do discurso do Deus judaico-cristão nos círculos acadêmicos em prol de uma sociedade em decadência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMATUZI, Mauro M. *Psicologia do desenvolvimento religioso: a religiosidade nas fases da vida*. São Paulo – SP: Ideias & Letras, 2015.

AVANCINI, Joviana Q. ASSIS, Simone G. OLIVEIRA, Raquel V. C. *Sintomas depressivos na adolescência: estudo sobre fatores psicossociais em amostra de escolares de um município do Rio de Janeiro, Brasil*. Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 24(10):2334-2346, out, 2008.

BERGER, Peter Ludwig. *O dossel sagrado: elementos para uma sociologia da religião*. São Paulo: Paulus, 1985.

BRASIL. *Com a depressão no topo da lista de causas de problemas de saúde, OMS lança a campanha “Vamos conversar”*. Disponível em <http://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5385:com-depressao-no-topo-da-lista-de-causas-de-problemas-de-saude-oms-lanca-a-campanha-vamos-conversar&Itemid=839> Acesso em: 24 Ago. 2017.

DANTAS, Jurema Barros. *Angústia e existência na contemporaneidade*. Rio de Janeiro: Editora Rubio, 2011.

DE PAULA, Darlei. *Espiritualidade: uma questão de saúde?* Protestantismo em Revista, São Leopoldo, RS, v. 27, jan.-abr. 2012.

FERREIRA, Franklin. *Curso Vida Nova de Teologia Básica: teologia sistemática*. São Paulo: Vida Nova 2013.

FRANKL, Viktor E. *A presença ignorada de Deus*. Tradução Walter O. Schulupp e Helga H. Reinhold. 10. ed. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2007.

_____. *Em busca de um sentido: um psicólogo no campo de concentração*. Traduzido por Walter O. Schlupp e Carlos C. Aveline. 25. ed. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2008.

GOMES, Laura Poll et al. *Inventário de depressão infantil (CDI): uma revisão de artigos científicos brasileiros*. Contextos Clínic vol.6 no.2 São Leopoldo dez. 2013.

LABOISSIÈRE, Paula. *No Dia Mundial da Saúde, OMS alerta sobre depressão*. EBC, Agência Brasil. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2017-04/no-dia-mundial-da-saude-oms-alerta-sobre-depressao>> Acesso em: 24 Ago. 2017.

MACEDO, Cláudia Raquel. *O problema da transcendência em Husserl e Heidegger*. Revista Estudos Filosóficos nº 5 /2010.

MARQUES CABRAL, Alexandre. *Morte e ressurreição dos Deuses: ensaio de crítica ao monótono-teísmo metafísico cristão*. 1. ed. Rio de Janeiro: Via Verita, 2015.

NICHOLI, Armand M. *Deus em questão: C.S. Lewis e Sigmund Freud debatem Deus, amor, sexo e o sentido da vida*. Tradução de Gabriele Greggersen. Viçosa, MG: Ultimato, 2005.

PONDÉ, Luis Felipe. *Filosofia para corajosos*. 1. ed. São Paulo: Planeta, 2016.

PRESSE, Da France. *Depressão é a maior causa de incapacitação no mundo, diz OMS*. Folha de São Paulo, Quinta-Feira, 24 de Agosto, 2017. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2017/03/1871343-depressao-e-a-maior-causa-de-incapacitacao-no-mundo-diz-oms.shtml>> Acesso em: 24 Ago. 2017.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. *Mentes depressivas: as três dimensões da doença do século*. 1. ed. São Paulo: Pricipium, 2016.

SOARES, Márcia Britto de Macedo. *O impacto da depressão*. ABRATA – Associação Brasileira de Familiares, Amigos e Portadores de Transtornos Afetivos. Disponível em: <<http://www.abrata.org.br/new/artigo/impactoDepressao.aspx>> Acesso em: 24 Ago. 2017.